

CAPÍTULO 16

O MILÊNIO DE APOCALIPSE 20

NESTE CAPÍTULO, FAREMOS UMA TENTATIVA DE APRESENTAR, com certo detalhe, a posição amilenista sobre o milênio descrito em Apocalipse 20. Antes de olharmos mais atentamente para Apocalipse 20, entretanto, deveríamos primeiramente nos ocupar com a questão da interpretação do livro de Apocalipse. O sistema da interpretação desse livro, que me parece mais satisfatório (embora não sem dificuldades), é aquele conhecido por *paralelismo progressivo*, habilmente defendido por William Hendriksen em *More Than Conquerors*, seu comentário de Apocalipse.¹ De acordo com essa posição, o livro de Apocalipse consiste de sete seções que se desenrolam paralelamente entre si, cada uma delas retratando a igreja e o mundo desde a época da primeira vinda de Cristo até o tempo de sua segunda vinda.

A primeira dessas seções é encontrada nos capítulos 1 a 3. João vê o Cristo ressurreto e glorificado andando entre sete candeeiros de ouro. Em obediência à ordem de Cristo, João passa agora a escrever cartas para cada uma das sete igrejas da Ásia Menor. A visão do Cristo glorificado, com as cartas às sete igrejas, forma obviamente uma unidade. Ao lermos essas cartas ficamos impressionados com duas coisas. Primeiro, existem referências a eventos, pessoas e lugares da época em que o livro de Apocalipse foi escrito. Segundo, os princípios, recomendações e advertências contidos nessas cartas têm valor para a igreja de todos os tempos. Na verdade, essas duas observações fornecem uma chave para a interpretação de todo o livro. Uma vez que o livro de Apocalipse foi endereçado à igreja do século 1º d.C., sua mensagem tem referência a eventos que ocorriam naquela época, e por essa razão tinha relevância para os cristãos daqueles dias. Porém, como o livro também era dirigido à igreja ao longo das eras, sua mensagem ainda é relevante para nós nos dias de hoje.

A segunda dessas sete seções é a visão dos sete selos, encontrada nos capítulos 4 a 7. João é arrebatado ao céu e vê a Deus assentado em seu trono radiante. Então ele vê o Cordeiro, que tinha sido morto, tomando o rolo selado com sete selos da mão daquele que está assentado no trono, indicando que Cristo conquistou a vitória decisiva sobre as forças do mal, e dessa maneira é digno de abrir os selos. Então os selos são quebrados, e diversos julgamentos divinos sobre o mundo são descritos. Nessa visão, vemos a igreja sofrendo provações e perseguições sobre o pano de fundo da vitória de Cristo. Se alguém perguntar: Como saberemos quando termina uma dessas sete seções paralelas (à exceção da primeira, que forma uma unidade óbvia), a resposta é que cada uma das sete termina com uma indicação de que o tempo do fim é chegado. Tal indicação pode ser fornecida por uma referência ao juízo final, no fim da História, ou ao estado final de bem-aventurança do povo de Deus, ou a ambos. No final dessa seção, encontramos ambos. Existe uma referência ao juízo final no capítulo 6.15-17:

Os reis da terra, os grandes, os comandantes, os ricos, os poderosos e todo escravo e todo livre se esconderam nas cavernas e nos penhascos dos montes e disseram aos montes e aos rochedos: Caí sobre nós e escondei-nos da face daquele que se assenta no trono e da ira do Cordeiro, porque chegou o grande dia da ira deles; e quem é que pode sustentar-se?

Mas temos também uma descrição do estado final de felicidade daqueles que saíram da grande tribulação no capítulo 7.15-17:

... razão por que se acham diante do trono de Deus e o servem de dia e de noite no seu santuário; e aquele que se assenta no trono estenderá sobre eles o seu tabernáculo. Jamais terão fome, nunca mais terão sede, não cairá sobre eles o sol, nem ardor algum, pois o Cordeiro que se encontra no meio do trono os apascentará e os guiará para as fontes da água da vida. E Deus lhes enxugará dos olhos toda lágrima.

A terceira seção, encontrada nos capítulos 8 a 11, descreve as sete trombetas de juízo. Nessa visão, vemos a igreja vingada, protegida e vitoriosa. Essa seção termina com uma referência clara ao juízo final:

Na verdade, as nações se enfureceram; chegou, porém, a tua ira, e o tempo determinado para serem julgados os mortos, para se dar o galardão aos teus servos, os profetas, aos santos e aos que temem o teu nome, assim aos pequenos como aos grandes, e para destruíres os que destroem a terra (11.18).

A quarta seção, capítulos 12 a 14, começa com a visão da mulher dando à luz um filho, enquanto que o dragão espera para devorá-lo tão logo tenha nascido – uma referência óbvia ao nascimento de Cristo. O restante da seção descreve a oposição contínua que o dragão (que representa Satanás) faz à igreja. Aqui somos introduzidos às duas bestas, que são auxiliares do dragão: a besta que emerge do mar e a besta que emerge da terra. Essa seção termina com uma descrição figurada da vinda de Cristo para o juízo:

Olhei, e eis uma nuvem branca, e sentado sobre a nuvem um semelhante a filho de homem, tendo na cabeça uma coroa de ouro e na mão uma foice afiada. Outro anjo saiu do santuário, gritando em grande voz para aquele que se achava sentado sobre a nuvem: Toma a tua foice e ceifa, pois chegou a hora de ceifar, visto que a seara da terra já amadureceu. E aquele que estava sentado sobre a nuvem passou a sua foice sobre a terra, e a terra foi ceifada (14.14-15).

A quinta seção é encontrada nos capítulos 15 e 16. Ela descreve as sete taças da ira, retratando, dessa forma, de um modo gráfico, a visitação final da ira de Deus sobre aqueles que permanecem impenitentes. Essa seção também termina com uma referência ao juízo final: “E a grande cidade se dividiu em três partes, e caíram as cidades das nações. E lembrou-se Deus da grande Babilônia para dar-lhe o cálice do vinho do furor da sua ira. Todas as ilhas fugiram, e os montes não foram achados” (16.19-20).

A sexta seção, capítulos 17 a 19, descreve a queda da Babilônia e das bestas. Babilônia representa a cidade mundial – as forças do secularismo e ateísmo que estão em oposição ao reino de Deus. O final do capítulo 19 retrata a queda dos dois auxiliares do dragão: a besta que emerge do mar e o falso profeta, que aparentemente é a mesma figura que a besta que emerge da terra (ver 16.13). Mais uma vez temos referências claras ao tempo do fim, no final dessa seção. O capítulo 19, versículo 11, descreve a segunda vinda de Cristo: “Vi o céu aberto, e eis um cavalo branco. O seu cavaleiro se chama Fiel e Verdadeiro e julga e peleja com justiça”. Mais adiante, no capítulo, é apresentado o castigo final dos dois auxiliares do dragão:

E vi a besta e os reis da terra, com os seus exércitos, congregados para pelejarem contra aquele que estava montado no cavalo e contra o seu exército. Mas a besta foi aprisionada, e com ela o falso profeta que, com os sinais feitos diante dela, seduziu aqueles que receberam a marca da besta e eram os adoradores da sua imagem. Os dois foram lançados vivos dentro do lago do fogo que arde com enxofre (19.19-20).

A sétima seção, capítulos 20 a 22, narra a condenação do dragão (que é Satanás), completando dessa forma a descrição da destruição dos inimigos de Cristo. O juízo final e o castigo final dos ímpios estão descritos no final do capítulo 20:

Vi um grande trono branco e aquele que nele se assenta... Vi também os mortos, os grandes e os pequenos, postos em pé diante do trono. Então, se abriram livros. Ainda outro livro, o livro da vida, foi aberto. E os mortos foram julgados, segundo as suas obras... Então, a morte e o inferno foram lançados para dentro do lago de fogo. Esta é a segunda morte, o lago de

fogo. E, se alguém não foi achado inscrito no livro da vida, esse foi lançado para dentro do lago de fogo (vs. 11-12, 14-15).

Em adição, essa seção descreve o triunfo final de Cristo e sua igreja, e o universo renovado, aqui chamado de novos céus e nova terra.

Observe que, embora essas sete seções sejam paralelas entre si, elas também revelam certo progresso escatológico. A última seção, por exemplo, nos leva mais longe, no futuro, do que as outras seções. Embora o juízo final já tenha sido descrito resumidamente em 6.12-17, ele não é apresentado em maior detalhe até chegarmos a 20.11-15. Embora o gozo final dos redimidos, na vida por vir, tenha sido esboçado em 7.15-17, somente encontramos uma descrição detalhada e elaborada da vida sobre a nova terra ao alcançarmos o capítulo 21 (21.1—22.5). Por isso este método de interpretação é denominado *paralelismo progressivo*.

Encontramos a progressão escatológica nessas sete seções não apenas em relação a cada seção, mas também no que diz respeito ao livro como um todo. Se admitirmos que o livro de Apocalipse retrata a luta de Cristo e sua igreja, por um lado, contra os inimigos de Cristo e da igreja, por outro, podemos dizer que a primeira metade do livro (caps. 1–11) descreve a luta na terra, retratando a igreja enquanto perseguida pelo mundo. A segunda metade do livro, porém (caps. 12–22), nos fornece o pano de fundo espiritual e mais profundo dessa luta, mostrando a perseguição da igreja pelo dragão (Satanás) e seus auxiliadores. À luz desta análise, vemos como a última seção do livro (20–22) se encaixa bem. A última seção descreve o julgamento que recai sobre Satanás, e sua condenação final. Uma vez que Satanás é o oponente supremo de Cristo, é bastante lógico que sua condenação seja narrada por último.

Agora, estamos prontos para a interpretação de Apocalipse 20.1-6, a única passagem da Bíblia que fala, explicitamente, de um reino de mil anos. Observe primeiramente que a passagem claramente se autodivide em duas partes: os versículos 1-3, que descrevem o aprisionamento de Satanás; e os versículos 4-6, que descrevem o reinado de mil anos de certos indivíduos com Cristo.

A interpretação premilenista desses versículos os entende como descrevendo um reino milenar de Cristo na terra, que se seguirá à sua segunda vinda. E é verdade que se fez referência à segunda vinda de Cristo no capítulo anterior (ver 19.11-16). Se, pois, alguém considerar Apocalipse 20 como mostrando o que cronologicamente se segue ao que foi descrito no Capítulo 19, essa pessoa realmente concluiria que o milênio de Apocalipse 20.1-6 virá após a volta de Cristo.

Entretanto, conforme indicamos, os capítulos 20 a 22 constituem a última das sete seções do livro de Apocalipse e, por essa razão, não descrevem o que se segue na volta de Cristo. Antes, Apocalipse 20.1 nos traz mais uma vez, de volta ao início da era do Novo Testamento.

Que esta é a interpretação adequada desses versículos fica claro não apenas a partir do que foi desenvolvido, mas também do fato de que esse capítulo descreve a derrota e a condenação final de Satanás. Certamente, a derrota de Satanás teve início com a primeira vinda de Cristo, conforme já foi claramente demonstrado no capítulo 12, versículos 7-9. O fato de que o reino milenar, retratado em 20.4-6, acontece antes da segunda vinda de Cristo fica evidente porque o juízo final, descrito nos versículos 11 a 15 desse capítulo, é retratado como vindo após o reino de mil anos. Não somente no livro de Apocalipse, mas também em todo o restante do Novo Testamento, o juízo final está associado à segunda vinda.² Sendo este o caso, fica óbvio que o reinado milenar de Apocalipse 20.4-6 tem de ocorrer *antes e não depois* da segunda vinda de Cristo. Passemos agora a examinar, mais de perto, Apocalipse 20.1-6. Começamos com os versículos 1-3:

Então, vi descer do céu um anjo; tinha na mão a chave do abismo e uma grande corrente. Ele segurou o dragão, a antiga serpente, que é o diabo, Satanás, e o prendeu por mil anos; lançou-o no abismo, fechou-o e pôs selo sobre ele, para que não mais enganasse as nações até se completarem os mil anos. Depois disto, é necessário que ele seja solto pouco tempo.

Nesses versículos, temos uma descrição do aprisionamento de Satanás. É dito do dragão, aqui claramente identificado como “o diabo” ou “satanás”, que ele será preso por mil anos, e então lançado

num lugar denominado “a cova sem fundo” ou “abismo” (ASV, NIV). O propósito desse aprisionamento é “para que não mais enganasse as nações até se completarem os mil anos”.

O livro de Apocalipse está cheio de números simbólicos. Portanto, parece bem provável que o número “mil”, utilizado nessa passagem, não deva ser interpretado de forma estritamente literal. Uma vez que o número *dez* significa totalidade, e uma vez que *mil* é dez elevado à terceira potência, podemos considerar a expressão “mil anos” como indicando um período completo, um período muito longo de duração indeterminada. De acordo com o que foi dito acerca da estrutura do livro, e à luz dos versículos 7-15 desse capítulo (que descreve a “curta temporada” de Satanás, a batalha final e o juízo final), podemos concluir que esse período de mil anos estende-se da primeira vinda de Cristo até imediatamente antes de sua segunda vinda.

Uma vez que o “lago de fogo”, mencionado nos versículos 10, 14-15, represente obviamente o lugar do castigo final, a “cova sem fundo” ou “abismo” mencionado nos versículos 1 e 3 não pode ser o lugar do castigo final. Esse termo deveria antes ser considerado como uma descrição figurada do modo pelo qual as atividades de Satanás serão restringidas durante o período dos mil anos.

O que, pois, se quer dizer com o aprisionamento de Satanás? Nos tempos do Antigo Testamento, ao menos na era pós-abraâmica, todas as nações do mundo, com exceção de Israel, estavam sob o governo de Satanás, por assim dizer. Naquela época, o povo de Israel era o recipiente da revelação especial de Deus, de modo que eles conheciam a verdade de Deus a respeito de si próprios, acerca de sua pecaminosidade e sobre o modo pelo qual poderiam obter o perdão dos seus pecados (embora se deva admitir que esse conhecimento foi lhes dado em tipos e sombra, sendo então incompleto). Durante essa mesma época, entretanto, as outras nações do mundo não conheciam essa verdade, e por esta razão estavam em ignorância e erro (ver At 17.30) – com exceção de eventuais pessoas, famílias ou cidade que chegaram a ter contato com a revelação especial de Deus. Poderia se dizer que durante essa época essas nações eram enganadas por Satanás, assim como nossos primeiros pais foram enganados por Satanás quando caíram no pecado no Jardim do Éden.

Imediatamente antes de sua ascensão, porém, Cristo deu a Grande Comissão para seus discípulos: “Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações” (Mt 28.19). Nesse momento, pode-se bem imaginar os discípulos trazendo uma intrigante questão: Como poderemos fazer isto, se Satanás continua a enganar as nações, da maneira que ele o fez no passado? Em Apocalipse 20.1-3, João traz uma resposta tranquilizadora a essa pergunta. Parafraseando, sua resposta é mais ou menos assim:

Durante a era do evangelho, que foi instaurada agora, Satanás não será capaz de continuar enganando as nações de modo que o fez no passado, pois ele foi aprisionado. Portanto, durante todo esse período, vocês discípulos de Cristo, serão capazes de pregar o evangelho e de fazer discípulos dentre todas as nações.

Isso não quer dizer que Satanás não possa fazer qualquer mal enquanto estiver preso. Significa apenas o que João está dizendo aqui. Enquanto Satanás estiver preso, ele não poderá enganar as nações de modo a impedi-las de aprenderem acerca da verdade de Deus. Mais adiante, nesse capítulo, João nos diz que, quando os mil anos tiverem passado, Satanás será solto de sua prisão e sairá para enganar as nações do mundo, para reuni-las conjuntamente para a luta contra o povo de Deus (vs. 7-9). Isto, porém, ele não pode fazer enquanto está preso. Concluimos, então que o aprisionamento de Satanás durante a era do evangelho significa que, primeiramente, ele não pode impedir a disseminação do evangelho e, em segundo lugar, ele não pode congregiar todos os inimigos de Cristo para atacarem conjuntamente a igreja.

Haverá alguma indicação, no Novo Testamento, de que Satanás estava preso na época da primeira vinda de Cristo? De fato há. Quando os fariseus acusaram Jesus de expulsar demônio pelo poder de Satanás, Jesus respondeu: “Ou como pode alguém entrar na casa do valente e roubar-lhe os bens sem primeiro amarrá-lo?” (Mt 12.29). É bem interessante que a palavra utilizada por Mateus, para descrever o aprisionamento do homem valente, é a mesma palavra utilizada em Apocalipse 20 para descrever o aprisionamento de Satanás (o termo grego *deo*). Poderia dizer-se que Jesus amarrôu o diabo quando triunfou sobre ele no deserto, recusando-se a ceder às suas tentações. O fato de Jesus expulsar os demônios, assim ele nos ensina nessa passagem, foi uma evidência desse triunfo. Alguém

poderia contra-argumentar, dizendo que o aprisionamento de Satanás, aqui mencionado, está apresentado mais em conexão com a expulsão de demônios do que em conexão com a pregação do evangelho. Porém, eu responderia que a expulsão de demônios é uma evidência da presença do reino de Deus (Mt 12.28), e que é exatamente porque o reino de Deus é chegado que se pode agora pregar o evangelho a todas as nações (ver Mt 13.24-30, 47-50).

Quando os setenta retornaram de sua missão de pregação, disseram a Jesus: “Senhor, os próprios demônios se nos submetem pelo teu nome!” Jesus respondeu: “Eu via a Satanás caindo do céu como um relâmpago” (Lc 10.17-18). Nem é necessário dizer que essas palavras não devem ser interpretadas como sugerindo uma descida literal de Satanás desde os céus naquela hora. Elas devem antes ser entendidas no sentido de que, nas obras que seus discípulos estavam realizando, Jesus via uma indicação de que o reino de Satanás tinha acabado de sofrer um golpe demolidor – que, na verdade, acabara de acontecer um aprisionamento de Satanás, certa restrição de seu poder. Nesse evento, a queda ou aprisionamento de Satanás está diretamente associada com a atividade missionária dos discípulos de Jesus. Outra passagem que descreve a restrição das atividades de Satanás, em relação à abrangência missionária de Cristo, é João 12.31-32: “Chegou o momento de ser julgado este mundo, e agora o seu príncipe será expulso. E eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a mim mesmo”. É interessante observar que o verbo grego traduzido por “expulsar” (*ekballo*) é derivado da mesma raiz que o termo utilizado em Apocalipse 20.3: “lançou-o (*ballo*) [Satanás] no abismo”. Ainda mais importante, porém, é a observação de que a “expulsão” de Satanás está associada aqui com o fato de que não somente judeus, mas também homens de todas as nacionalidades serão atraídos a Cristo quando ele estiver na cruz.

O aprisionamento de Satanás, descrito em Apocalipse 20.1-3, portanto, significa que, ao longo da era do evangelho na qual vivemos agora, a influência de Satanás, embora certamente não eliminada, é tão restringida que ele não pode impedir a disseminação do evangelho às nações do mundo. Por causa do aprisionamento de Satanás durante esta era presente, as nações não podem conquistar a igreja, mas a igreja está conquistando nações.

Passamos agora aos versículos 4 a 6, a passagem que trata do reino de mil anos:

(4) Vi também tronos, e nestes sentaram-se aqueles aos quais foi dada autoridade de julgar. Vi ainda as almas dos decapitados por causa do testemunho de Jesus, bem como por causa da Palavra de Deus, tantos quantos não adoraram a besta, nem tampouco a sua imagem, e não receberam a marca na fronte e na mão; e viveram (*ezesan*) e reinaram com Cristo durante mil anos. (5) Os restantes dos mortos não reviveram (*ezesan*) até que completassem os mil anos. Esta é a primeira ressurreição. (6) Bem-aventurado e santo é aquele que tem parte na primeira ressurreição; sobre esses a segunda morte não tem autoridade; pelo contrário, serão sacerdotes de Deus e de Cristo, e reinarão com ele os mil anos.

Vimos que os versículos 1 a 3 mencionam um período de “mil anos”. Observamos agora que os versículos 4 a 6 também referem-se a um período de mil anos. Embora seja possível entender os “mil anos” dos versículos 4 a 6, como descrevendo um período diferente dos “mil anos” dos versículos 1 a 3, não há razão forte alguma para o fazermos, especialmente porque a expressão “os mil anos” (*ta chilia ete*) aparece duas vezes, uma no versículo 3 e outra no versículo 5. Por causa disso podemos admitir, seguramente, que os versículos 1 a 3 e os versículos 4 a 6 ocupam-se do mesmo período de “mil anos”. Esse período, conforme vimos, abrange toda a dispensação do Novo Testamento, desde a época da primeira vinda de Cristo até imediatamente antes do tempo da segunda vinda de Cristo.

Observemos mais acuradamente o versículo 4: “Vi também tronos, e nestes sentaram-se aqueles aos quais foi dada autoridade de julgar”. A primeira questão a tratarmos aqui é: Onde estão esses tronos? Leon Morris destaca o fato de que no livro de Apocalipse a palavra “trono” é utilizada 47 vezes, e que todos esses tronos, à exceção de três (2.13; 13.2; 16.10), parecem estar nos céus.³ Se acrescentarmos a esta consideração o fato de João ver “as almas dos decapitados”, somos corroborados na conclusão de que o local da visão de João foi agora transferido para o céu. Podemos então dizer que, embora o período de mil anos, descrito nesses seis versículos, seja inteiramente o

mesmo, os versículos 1 a 3 descrevem o que se passa na terra durante essa época, e os versículos 4 a 6 retratam o que acontece no céu.

João vê aqueles a quem foi dada autoridade de julgar assentados em tronos. O livro de Apocalipse se ocupa muito de questões de justiça, especialmente para os cristãos perseguidos. Portanto, é de alta significância que o julgamento da visão de João (ou “autoridade de julgar”, NIV) é conferido àqueles que estão assentados nos tronos. A descrição que João faz deles, como “assentados em tronos”, é um modo concreto de expressar a ideia de que eles estão reinando com Cristo (ver a última parte do versículo 4). Aparentemente, esse ato de reinar inclui a autoridade de proceder a algum tipo de julgamento. Se isto significa simplesmente concordar e estar agradecido pelos julgamentos feitos por Cristo, ou se isto significa que àqueles que estão assentados nos tronos é dada a oportunidade de fazerem seus próprios julgamentos acerca de assuntos terrenos, não nos é revelado. O fato de que reinar e julgar estão, às vezes, inter-relacionados, fica evidente a partir das palavras de Cristo aos seus discípulos: “Em verdade vos digo que vós, os que me seguistes, quando, na regeneração, o Filho do homem se assentar no trono da sua glória, também vos assentareis em doze tronos para julgar as doze tribos de Israel” (Mt 19.28).⁴

Perguntamos agora: Quem está assentado nesses tronos? Para responder a essa pergunta, temos de olhar mais adiante na passagem, e observar que aqueles a quem João viu nessa visão são descritos como tendo “vindo à vida” (v. 4) e são distinguidos dos “restantes dos mortos” no versículo 5. Em outras palavras, João teve uma visão acerca de certas pessoas que morreram, as quais ele distingue de outras pessoas que também morreram. Ao examinarmos cuidadosamente o versículo 4, parece que João vê aqui duas classes de pessoas mortas: um grupo maior de crentes mortos, e um grupo menor daqueles que morreram como mártires da fé cristã.

A primeira sentença do versículo 4 descreve os crentes que morreram, a quem João vê assentados em tronos, compartilhando do reinado de Cristo e exercendo sua autoridade em realizar julgamentos. Esse reinado é um cumprimento de uma promessa anteriormente registrada no livro de Apocalipse: “Àquele que vencer, eu darei o direito de sentar comigo em meu trono, assim como eu venci, e me sentei com meu Pai no seu trono” (3.21, NIV).

Conforme a visão prossegue, porém, João vê um grupo específico de crentes mortos, a saber, os mártires: “vi ainda as almas dos decapitados por causa do testemunho de Jesus, bem como por causa da Palavra de Deus, tantos quantos não adoraram a besta, nem tampouco a sua imagem, e não receberam a marca na fronte e na mão”. As palavras: “as almas dos decapitados” referem-se obviamente a mártires – cristãos fiéis que preferiram antes entregar suas vidas que negar seu Salvador. Essa passagem, na verdade, é uma espécie de paralela a uma passagem anterior do livro, Apocalipse 6.9: “Quando ele abriu o quinto selo, vi debaixo do altar, as almas daqueles que tinham sido mortos por causa da Palavra de Deus e por causa do testemunho que sustentavam”. Quando João adiciona o fato de que estes aqui descritos “não adoraram a besta, nem tampouco a sua imagem”, ele está descrevendo melhor os mártires cristãos. Aprendemos em Apocalipse 13.15 que aqueles que se recusassem a adorar a imagem da besta deveriam ser mortos.

A visão, portanto, se refere às almas de todos os cristãos que morreram, mas especialmente às almas daqueles que morreram como mártires, por causa de sua lealdade a Cristo.⁵ Se perguntarmos como pôde João ver as almas daqueles que tinham morrido, a resposta será que João viu tudo isso em uma visão. Alguém também poderia perguntar: como pôde João ver um anjo amarrando o diabo e o prendendo por mil anos com uma grande corrente?

Agora seguem as palavras mais controvertidas da passagem: “E viveram e reinaram com Cristo durante mil anos”. Os intérpretes premilenistas, sejam eles dispensacionalistas ou não, entendem essas palavras como descrevendo uma ressurreição literal e física dos mortos e, por esta razão, encontram nessa passagem uma prova para um reinado milenar de Cristo na terra, após sua segunda vinda. Será esta a interpretação correta dessa passagem?

Deve ser admitido que a palavra grega traduzida por “viveram”, *ezesan*, pode-se referir a uma ressurreição física (ver, por exemplo, Mt 9.18; Rm 14.9; 2Co 13.4; Ap 2.8). A questão, porém, é se é isto que a palavra significa aqui.

Parece que João está falando aqui sobre uma espécie de ressurreição, a partir da segunda sentença do versículo 5: “Esta é a primeira ressurreição” – palavras que se referem obviamente ao

viver e reinar com Cristo no versículo 4. Porém, será essa “primeira ressurreição” uma ressurreição física – um ressuscitar o corpo dentre os mortos? Aparentemente não, uma vez que a ressurreição do corpo dentre os mortos é mencionada mais adiante no capítulo, nos versículos 11 a 13, como algo diferente do que é descrito aqui. Os premilenistas interpretam a descrição dos versículos 11 a 13 como sendo a ressurreição dos incrédulos que, dizem eles, acontece após o milênio, uma vez que a ressurreição dos crentes ocorreu antes do milênio. Entretanto, devemos questionar a ideia da separação da ressurreição de incrédulos da dos crentes por um intervalo de mil anos, especialmente à luz das palavras de Jesus, em João 5.28-29: “*Vem a hora* em que todos os que se acham nos túmulos ouvirão a sua voz e sairão: os que tiverem feito o bem, para a ressurreição da vida; e os que tiverem praticado o mal, para a ressurreição do juízo” [grifos do autor].⁶ Além disso, o argumento de que a ressurreição retratada em Apocalipse 20.11-13 seja somente a ressurreição de incrédulos não pode ser provado. Embora tenha sido dito que se o nome de alguém não for encontrado no livro da vida, ele será lançado no lago de fogo (v. 15), estas palavras não provam que nenhum daqueles que foram ressuscitados tenha tido seu nome escrito no livro da vida. Concluimos que, no final do capítulo 20, o que está descrito é a ressurreição geral, e aquilo que é descrito na última cláusula de 20.4 deve ser outra coisa que não uma ressurreição física ou corporal.

O que significam, então as palavras: “e vieram à vida (ou viveram, ASV), e reinaram com Cristo durante mil anos?” A chave já foi fornecida no versículo 4a. Ali João disse: “Vi também tronos, e nestes sentaram-se aqueles aos quais foi dada autoridade de julgar”. O restante do versículo deixa claro que aqueles que estão assentados em tronos eram as almas das pessoas que tinham morrido – crentes que permaneceram fiéis a Cristo, e especialmente mártires que selaram sua fé com suas vidas. Esse é o grupo que João vê como “vivendo e reinando com Cristo”. Embora esses crentes tenham morrido, João os vê vivos, não no sentido corporal, mas no sentido de que eles estão desfrutando da comunhão com Cristo no céu. Essa é uma vida de muita felicidade – ver, por exemplo, as palavras de Paulo acerca da condição dos crentes entre a morte e a ressurreição em Filipenses 1.23 e 2Coríntios 5.8.⁷ É uma vida na qual esses crentes que foram mortos se assentam em tronos, compartilhando do reinado de Cristo sobre todas as coisas, compartilhando inclusive de sua atividade julgadora.

Por essa razão entendemos que a palavra *ezesan* (viveram, ou vieram à vida) no versículo 4, descreve o fato de que as almas dos crentes que morreram estão agora vivendo com Cristo no céu e compartilhando de seu reinado durante o estado intermediário entre morte e ressurreição. O período de mil anos durante o qual essas almas vivem e reinam com Cristo é, conforme vimos, toda a era do evangelho, desde a primeira vinda de Cristo até a segunda vinda. Em outras palavras, estamos agora no milênio, e o reinado de Cristo com os crentes durante o milênio não é terreno, mas sim celestial.⁸

George Eldon Ladd discorda da interpretação mencionada, afirmando que a palavra *zao* (a forma presente de *ezesan*) nunca é utilizada no Novo Testamento para descrever algumas almas vivendo após a morte do corpo.⁹ Creio, porém, que há pelo menos um caso de tal uso no Novo Testamento, no capítulo 20 de Lucas. Jesus citou as palavras que Deus proferira a Moisés na sarça ardente aos saduceus, que negavam a ressurreição do corpo: “Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó” (v. 37, citando Êx 3.6). Então Jesus acrescentou estas palavras: “Ele não é o Deus dos mortos, mas dos vivos, pois para ele todos estão vivos” (v. 38, NIV). Desta forma, Jesus provou a doutrina da ressurreição do corpo a partir do Pentateuco, o qual os saduceus aceitavam como autoridade.

Para o nosso propósito, contudo, é importante que, de acordo com Josefo, os saduceus não negavam apenas a ressurreição do corpo, mas também a existência continuada da alma após a morte: “Mas a doutrina dos saduceus é esta: as almas morrem com os corpos...”¹⁰ Observe agora, que em sua resposta, Jesus não corrigiu apenas a negação dos saduceus à ressurreição, mas também sua negação da existência da alma após a morte. As palavras de Jesus: “ele não é Deus de mortos, e sim, de vivos”, implicam que, em certo sentido, os patriarcas estão mesmo agora vivos, após a sua morte e antes de sua ressurreição. Esse destaque é explicitado pela última cláusula do versículo 38: “... Porque pra ele todos vivem” (*pantes gar auto zosin*). O tempo do verbo traduzido por “vivem” (*zosin*, uma forma de *zao*) não é futuro (o que poderia sugerir que esses mortos viveriam apenas na hora de sua ressurreição mas sim presente, nos dizendo que Abraão, Isaque e Jacó estão em algum sentido vivos agora. Embora para nós eles pareçam estar mortos, para Deus eles estão vivos. O comentário de Calvino,

sobre as palavras “porque para ele todos vivem”, apoia esta interpretação: “Este modo de expressão encontra-se empregado em vários sentidos pelas Escrituras; mas aqui ela significa que os crentes, após terem morrido neste mundo, levam uma vida celestial com Deus... Deus é fiel para preservá-los vivos em sua presença, o que ultrapassa a compreensão dos homens”.¹¹ Aqui, pois, temos um exemplo, fora do livro de Apocalipse, do uso do termo grego *zao* para descrever a vida da alma após a morte do corpo e antes da ressurreição.¹²

Para deixar claro, não podemos encontrar outro uso de *zao* com esse significado no livro de Apocalipse, à parte do capítulo 20. Existe, conforme vimos, pelo menos um uso de *zao* em Apocalipse, que denota a ressurreição corporal (2.8). Mas há vários exemplos, em Apocalipse, onde essa palavra é utilizada com um sentido outro que não ressurreição corporal. Em 4.9-10; 7.2; 10.6 e 15.7, por exemplo, *zao* é utilizada para descrever o fato de que Deus vive para sempre; e, 3.1 a palavra é utilizada para descrever o que podemos chamar de *vida espiritual*.

Existe, porém, um paralelo, no livro de Apocalipse, à ideia contida em 20.4, conforme interpretada. Eu me refiro ao que se encontra em 6.9-11:

Quando ele abriu o quinto selo, vi debaixo do altar, as almas daqueles que tinham sido mortos por causa da palavra de Deus e por causa do testemunho que sustentavam. Clamaram em grande voz, dizendo: Até quando, ó Soberano Senhor, santo e verdadeiro, não julgas nem vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra? Então, a cada um deles foi dada uma vestidura branca, e lhes disseram que repousassem ainda por pouco tempo, até que também se completasse o número dos seus conservos e seus irmãos que iriam ser mortos como igualmente eles foram.

Observe o marcante paralelo entre “as almas dos decapitados” (em 20.4) e “as almas daqueles que tinham sido mortos” (em 6.9). Ambas as visões tratam de crentes que foram mortos. Aparentemente, as almas dos mártires mortos, descritas em 6.9-11, estão conscientes e com elas se pode falar; a elas foram dadas vestiduras brancas e lhes foi dito que descansassem. As vestiduras brancas e o descanso sugerem que elas estão experimentando uma espécie provisória de felicidade, que espera pela ressurreição final. Isto é muito semelhante à situação das almas descritas no capítulo 20, das quais se diz que estão reinando com Cristo enquanto esperam pela ressurreição do corpo. Embora a palavra *viveram* (*ezesan*) não esteja empregada em 6.9-11, a situação descrita nesses versículos certamente é paralela à situação descrita em 20.4. A única diferença, é que é dito para as almas dos mártires mortos no capítulo 6 que descansem, enquanto que às almas dos mártires mortos, referidas no capítulo 20, é dito que vivam e reinem com Cristo. Porém, em ambos os capítulos, diz-se, das almas dos crentes mortos, que elas estão vivendo entre a morte e a ressurreição. Concluo que existe no livro de Apocalipse um precedente para se interpretar 20.4 conforme foi feito anteriormente.¹³

Podemos observar a relevância dessa visão ao lembrar que, na época de João, a igreja era muito oprimida e, com frequência, perseguida. Seria bastante confortante para os cristãos dos dias de João saber que embora muitos de seus companheiros na fé tivessem morrido, alguns inclusive tendo sido cruelmente executados como mártires, esses irmãos e irmãs na fé mortos estavam de fato vivos agora no céu, no que diz respeito às suas almas, e reinavam com Cristo.

Não temos indicação, nesses versículos, de que João esteja descrevendo um reinado milenar terreno. A cena, conforme vimos, passa-se no céu. Nos versículos 4 a 6 não é dito coisa alguma acerca da terra, sobre a Palestina como centro desse reinado ou a respeito dos judeus. Nada é dito aqui acerca dos crentes que ainda estejam sobre a terra durante esse reino milenar – a visão trata exclusivamente de crentes que já morreram. Esse reino milenar não é algo que deva ser aguardado no futuro; ele está acontecendo agora, e durará até que Cristo retorne. Por isso, o termo *milenismo realizado* é uma descrição apropriada da posição defendida aqui – se lembrarmos que o milênio em questão não é um reinado terreno, mas sim reinado celestial.

A sentença seguinte, versículo 5a, tem um caráter parentético e, por isso, apropriadamente é colocada entre parêntesis pela *Versão New International*: “Os restantes dos mortos não reviveram (*ezesan*) até que se completassem os mil anos”. O termo *ezesan*, conforme empregado nessa sentença, tem de significar a mesma coisa que denotou a sentença anterior. Em nenhum dos casos essa palavra

significa *ressurreição corporal*. João está falando aqui acerca dos incrédulos mortos – os “restantes dos mortos” – como distintos dos mortos crentes que acabou de descrever. Quando ele diz que o restante dos mortos não viveu ou não veio à vida, ele denota exatamente o oposto daquilo que acabara de dizer sobre os crentes mortos. Os mortos incrédulos, diz ele, não viveram nem reinaram com Cristo durante esse período de mil anos. Enquanto que os crentes desfrutam, após a morte, de um novo tipo de vida com Cristo no céu, no qual eles compartilham do reinado de Cristo. Os incrédulos, após a morte, não compartilham nem dessa vida nem desse reino.

O fato de que isso verdadeiramente abarca o período de mil anos está indicado pelas palavras “até que se completassem os mil anos” (*achri telesthe ta chilia etc*). A palavra grega traduzida aqui por “até”, *achri*, indica que o que é dito aqui permanece verdadeiro durante toda a extensão do período de mil anos. O uso da palavra *até* não implica que esses incrédulos mortos viverão e reinarão com Cristo após esse período ter findado. Se esse fosse o caso, teríamos de esperar uma afirmação clara neste sentido. Observe que também encontramos a expressão “até se completarem os mil anos” no versículo 3 desse capítulo. Ali, porém, a expressão vem seguida de uma declaração explícita, indicando que algo diferente acontecerá após o final desses mil anos: “Depois disto é necessário que ele [o diabo, cujo aprisionamento acabara de ser descrito] seja solto pouco tempo”. No versículo 5, entretanto, as palavras “até que se completassem os mil anos” não são seguidas por outra declaração que pudesse indicar que esses mortos viriam à vida após terem findado os mil anos.¹⁴

Mais adiante, nesse capítulo, contudo, efetivamente encontramos um ensino claro acerca do que acontecerá a esses incrédulos mortos após o término dos mil anos. O que acontece ao “restante dos mortos” naquela hora está descrito no versículo 6 como “a segunda morte”. Quando, no versículo 6, é dito que a “segunda morte” não tem poder sobre os crentes mortos, está implicando que a “segunda morte” efetivamente tem poder sobre os mortos incrédulos. O que quer dizer “a segunda morte”? O versículo 14 explica: “Esta é a segunda morte, o lago de fogo” (ASV). A segunda morte, pois, significa punição eterna após a ressurreição do corpo. Portanto, no que toca aos incrédulos mortos, haverá uma mudança após o final dos mil anos, mas não será uma mudança para melhor, porém para pior.

Agora João continua dizendo: “Esta é a primeira ressurreição” (v. 5b). Estas palavras retratam o que aconteceu aos crentes mortos a quem João estava descrevendo no final do versículo 4, antes da declaração parentética que acabamos de discutir. À luz do que foi dito, temos de entender essas palavras não como descrevendo uma ressurreição corporal, mas antes como a transição da morte física para a vida no céu com Cristo. Essa transição da morte física para a vida no céu com Cristo. Essa transição é aqui denominada como uma “ressurreição” – na verdade um uso incomum do termo, mas perfeitamente compreensível face ao pano de fundo do contexto anterior. Isto é realmente uma forma de ressurreição, pois pessoas que são consideradas mortas são agora vistas como vivas, num sentido muito real do termo. A expressão “a primeira ressurreição”, realmente, implica que haverá uma “segunda ressurreição” (embora essa expressão não seja utilizada) para esses crentes mortos – a ressurreição do corpo, que acontecerá quando Cristo voltar, no final do período dos mil anos.

João prossegue agora, no versículo 6: “Bem-aventurado e santo é aquele que tem parte na primeira ressurreição”. As palavras seguintes nos dão a razão para essa felicidade: “sobre esses a segunda morte não tem autoridade”. A segunda morte, conforme vimos, significa punição eterna. Essas palavras acerca da segunda morte implicam a “primeira ressurreição” que João acabou de mencionar, não é uma ressurreição corporal. Pois, se devêssemos considerar os crentes aqui como tendo sido fisicamente ressuscitados, com corpos glorificados, eles já estariam desfrutando da plenitude e felicidade total da vida por vir, na qual “... a morte já não existirá” (Ap 21.4), e não mais seria necessário dizer que a segunda morte não tem poder sobre eles.

“Pelo contrário, serão sacerdotes de Deus e de Cristo e reinarão com ele os mil anos” (v. 6b). Ao longo de todo esse período de “mil anos”, portanto, os crentes mortos estarão adorando a Deus e a Cristo como sacerdotes, e reinarão com Cristo como reis. Embora João esteja pensando aqui unicamente sobre o período que se estende até a volta de Cristo, os últimos capítulos de Apocalipse indicam que, após a volta de Cristo e a ressurreição do corpo, esses crentes mortos serão capazes de adorar a Deus, servir a Deus e reinar com Cristo de forma ainda mais rica do que estão fazendo agora.

Então eles adorarão e servirão a Deus por toda a eternidade, numa perfeição sem pecado, com corpos glorificados na nova terra.

Esta é, portanto, a interpretação amilenista de Apocalipse 20.1-6.¹⁵ Interpretada desta forma, a passagem não diz coisa alguma acerca de um reinado terreno de Cristo sobre um reino primariamente judeu. Antes, ela descreve o reinado com Cristo no céu, das almas dos crentes mortos, entre sua morte e a segunda vinda de Cristo. Ela, igualmente, descreve o aprisionamento de Satanás durante a era presente, de modo tal que ele não possa impedir a disseminação do evangelho.

Notas do capítulo 16

1. Segunda edição, Grand Rapids: Baker, 1940. Uma exposição e apologia desse método de interpretação, resumido em nove proposições, pode ser encontrado nas p. 22-64. Entre outros intérpretes que defendem uma visão de paralelismo acerca do livro de Apocalipse, podemos mencionar os seguintes: M. F. Sadler, *The Revelation of St. John The Divine* (1894); S. L. Morris, *The Drama of Christianity* (1928); S. Greijdanus, *De Openbaring des Heeren aan Johannes* (Amsterdã: Van Bottemburg, 1925); Hermann Bavinck, *Gereformeerde Dogmatick*, 4a. ed., IV, p. 663-666 (3a. ed., p. 758-761); Abraham Kuyper, *E Voto Dordraceno* (Kampen: Kok, 1892), II, p. 252-290, esp. p. 284; R. C. H. Lenski, *Revelation* (Columbus: Wartburg, 1943); B. B. Warfield, *The Millennium and the Apocalypse, Biblical Doctrines* (Nova York, Oxford, 1929), p. 644-646; ver n. 6.
2. Ver Apocalipse 22.12; Mateus 16.27; 25.31-32; Judas 14-15; e esp. 2 Tessalonicenses 1.7-10.
3. *The Revelation of St. John* (Grand Rapids: Eerdmans, 1969), p. 236.
4. Sobre a íntima relação entre governar e julgar, ver F. Buchsel, *Krino*, TDNT, III, p. 923.
5. Fica evidente que João aqui está vendo as almas não somente dos mártires mortos, mas sim de todos os crentes mortos, a partir da primeira parte do versículo 5: “os restantes dos mortos não reviveram...” Uma vez que “o restante dos mortos” tem de se referir aos incrédulos mortos, fica óbvio que aqueles a que João viu nessa visão (v. 4) têm de ser os crentes mortos.
6. Será fornecida uma discussão mais completa a respeito do ensino bíblico sobre a ressurreição do corpo no Capítulo 17.
7. Para uma discussão mais completa acerca do assim chamado “estado intermediário” ver anteriormente, Capítulo 9.
8. Discordo, portanto, daqueles amilenistas (inclusive Agostinho) que interpretam *ezesan* como significando *regeneração*, e que, por essa razão, incluem os crentes que ainda estão vivos sobre a terra no número daqueles mencionados como vivendo e reinando com Cristo. Em minha opinião, essa passagem menciona unicamente a vida e reinado com Cristo de crentes que já morreram.
9. Robert G. Clouse, org., *The Meaning of the Millennium*, p. 190.
10. *Antiquities*, XVIII, 1, 4. Ver também *Wars of the Jews*, II, 8, 14.
11. *Harmony of the Gospel* (1957), III, p. 53.
12. Podemos observar pelo menos uma indicação de um uso similar de *zao* na literatura joanina. Em João 11.25-26 lemos: “Disse-lhe Jesus: Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá (*zesetai*); e todo o que vive e crê em mim, não morrerá eternamente”. A denotação primeira de *zesetai* aqui é em relação à ressurreição corporal dos crentes. Mas a declaração “todo o que vive e crê em mim não morrerá, eternamente” implica que aquele que crê em Jesus estará vivendo mesmo durante o estado intermediário.
13. Outras passagens do livro de Apocalipse, que ensinam que os crentes desfrutarão após a morte de uma existência abençoada, são: 3.21, que foi citada anteriormente no capítulo 2.10 (“Sê fiel até a morte, e dar-te-ei a coroa da vida”); e 14.13 (“Bem-aventurados os mortos que, desde agora, morrem no Senhor...”).
14. Para uma interpretação semelhante do versículo 5a, ver S. Greijdanus *De Openbaring des Heeren aan Johannes*, *ad loc.*; W. Hendriksen, *More than Conquerors*, *ad loc.*; R. C. H. Lenski, *Revelation*, *ad loc.*; James A. Hughes, *Revelation 20.4-6 and the Question of the Millennium Westminster Theological Journal*, XXXV, 3 (primavera, 1973), p. 300-302. Sobre o uso de *achri*, como indicando uma condição que prevalece até certo ponto, sem implicar que um estado de coisas diferentes se seguirá após aquele ponto ter sido alcançado, observe as seguintes passagens: Mateus 24.38 (o povo nos dias de Noé não parou imediatamente de comer e de beber após Noé ter entrado na arca), Atos 23.1 (Paulo não parou de viver perante toda boa consciência após esse dia), Atos 26.22; Romanos 5.13a (o pecado não cessou de estar no mundo após ter sido dada a lei), Romanos 8.22 (a criação não cessou de gemer em dores após o ponto que Paulo se refere aqui), 1 Coríntios 4.11; Apocalipse 2.26. Sobre esse uso de *achri*, ver também O. Palmer Robertson, *Is There a Distinctive Future for Ethnic Israel in Romans 11?*, in *Perspectives on Evangelical Theology*, org. Kenneth S. Kantzer e Stanley N. Gundry (Grand Rapids: Baker, 1979), p. 219-220.
15. Entre outros teólogos que sustentam a interpretação amilenista dessa passagem e a Escatologia amilenista em geral, como acréscimo aos já relacionados na nota número 1, anteriormente, podemos mencionar os seguintes: Oswald T. Allis, *Prophecy and the Church* (Filadélfia: Presbyterian and Reformed, 1945); Louis Berkhof, *Systematic Theology* (Grand Rapids: Eerdmans, 1953); Floyd E. Hamilton, *The Basis of Millennial Faith* (Eerdmans, 1955); Philip E. Hughes, *Interpreting Prophecy* (Eerdmans, 1976); R. Bradley Jones, *What, Where, and When is the Millennium?* (Grand Rapids: Baker, 1975); George L. Murray, *Millennial Studies* (Grand Rapids, 1948); reimpr., 1975), Geerhardus Vos, *The Pauline Eschatology* Princeton: Princeton Univ. Press, 1930).